

A PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÃO ACERCA DO ATO DE ENSINAR E APRENDER.

Maria Aparecida da Costa Santos
Maria Luiza Gomes Vasconcelos <https://orcid.org/0000-0002-6096-6590>

Faculdade de Inhumas -FACMAIS – Inhumas/ Goiás

RESUMO - O objetivo do presente artigo é propor uma reflexão sobre o ensinar e o aprender, processo que acontece diariamente em nossas salas de aula, seja presencial ou virtual, as quais tem acontecido atualmente diante da grande crise viral que o mundo passa. Tempos que nos levam a refletir sobre os caminhos que nossas escolas têm percorrido para dinamizar a aprendizagem de nossos alunos, assim como para nossos professores, pois tiveram que reinventar a docência. A ideia principal não é tratar exclusivamente o ensino aprendizagem remoto neste período, mas analisar de uma forma mais ampla o ensinar e o aprender dos professores e alunos, como tem sido essa relação pedagógica nos últimos tempos. Para esse estudo, contaremos com a contribuição de John Dewey (1976) que nos faz uma análise do que é relevante considerarmos na aprendizagem dos alunos, como o educador deve se posicionar diante do desafio de ensinar, que a escola deve ser um espaço democrático, uma continuidade e não um fim em si mesma. Abordaremos com maior veemência as reflexões de Paulo Freire (1970,2020), quando nos remetem a pensar na prática de ensinar-aprender dos educadores.

Palavras-chave: Aprender. Ensinar. Escola Pública. Experiência. Docência.

RESUMEN - El propósito de este artículo es proponer una reflexión sobre la enseñanza y el aprendizaje, un proceso que ocurre a diario en nuestras aulas, ya sea presencial o online, que se viene dando hoy ante la gran crisis viral que atraviesa el mundo. mediante. Tiempos que nos llevan a reflexionar sobre los caminos que han tomado nuestras escuelas para agilizar el aprendizaje de nuestros alumnos, así como de nuestros profesores, ya que tuvieron que reinventar la docencia. La idea principal no es abordar exclusivamente el aprendizaje a distancia en este período, sino analizar de manera más amplia la enseñanza y el aprendizaje de profesores y alumnos, cómo ha sido esta relación pedagógica en los últimos tiempos. Para este estudio nos apoyaremos en el aporte de John Dewey (1976) quien hace un análisis de lo que es relevante para nosotros considerar en el aprendizaje de los estudiantes, cómo debe posicionarse el educador ante el desafío de enseñar, que la escuela debe ser un espacio democrático, una continuidad y no un fin en sí mismo. Abordaremos con más vehemencia las reflexiones de Paulo Freire (1970, 2020), cuando nos llevan a pensar en la práctica de enseñanza-aprendizaje de los educadores.

Palabras clave: aprender. Enseñar. Escuela pública. Experiencia. Enseñando.

Como citar o artigo: SANTOS, M.A.C. VASCONCELOS, M.L.G. A PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÃO ACERCA DO ATO DE ENSINAR E APRENDER. Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais, Luziânia, v. 2 n.2 2021. DOI:

1. INTRODUÇÃO

Os inúmeros desafios que os professores têm enfrentado na prática de suas docências quanto ao ensino aprendizagem torna-se escopo deste trabalho. Busca-se elencar reflexões de alguns pesquisadores a respeito desta temática, possibilitando assim uma contribuição reflexiva aos educadores. Acredita-se que a ação do ensinar é uma via de mão dupla, quem ensina aprende automaticamente, e só ensina o que se sabe, e conseqüentemente aprende-se mais, consolida-se o saber. Freire nos diz: “É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”

Fonte de financiamento: Não possui.
E-mail do autor: maria@aluno.facmais.edu.br
Data de recebido. 11/02/2021
Data de aprovado.03/202/2021



(FREIRE, 1997, p.19). O autor nos traz esta inquietante reflexão em cartas aos professores, levando-os a se colocarem como ensinantes, que abertos e humildes verifiquem qual significado se tem o que se ensina e que se aprende.

Para construção deste trabalho teremos como aporte os estudos de Paulo Freire (2020), que nos chamam professores e professoras a responsabilidade ética na tarefa de ensinar, de exercer a docência em meio a tantas desigualdades sociais existentes. Em uma linha mais experimental temos a contribuição de John Dewey (1976) o qual o pensamento se assimila com Freire quanto a liberdade para construção do pensamento crítico e reflexivo. Para Dewey, as experiências precisam ser produtivas, que levam a fluir novas experiências.

A história da educação em si, responde as linhas pedagógicas as quais nossas instituições escolares caminharam até o presente, teorias e tendências pedagógicas que ajudaram a moldar o ensino em cada época, características tradicionais e progressistas foram formando os ambientes escolares. Mas como tem sido essa docência? Como nossos professores ensinam? Aprendem quando ensinam?

São questionamentos que ao decorrer do artigo pretende-se dialogar com pensadores do assunto. O objetivo não é responder intuitivamente, nem tão pouco ditar conceitos e métodos de ensino, isso só é possível pelos próprios professores, mas propor aos leitores e principalmente professores a refletirem sobre o ato de ensinar e aprender simultaneamente.

2. COM LICENÇA PROFESSOR, POSSO ENTRAR?

Quando pensamos e discutimos educação, o conceito é amplo, podendo acontecer nos diversos ambientes que vivemos e com quem convivemos em nossas relações sociais. Mas quando pensamos em educação formal, a escola é sem dúvida a primeira imagem que lembramos, em especial a sala de aula, ao professor, as atividades pedagógicas, as avaliações, etc. Ambiente que ao longo da história foi tomando formas e modelos distintos, espaço que constrói as relações sociais, culturais, onde sujeitos compartilham ideias, saberes e experiências. Porém, existem ensinamentos que não oferecem e não compartilham tais experiências e saberes, sendo possível evidenciar um ensino baseado na memorização mecânica de conteúdos expostos, repetição de conceitos de fatos, acontecimentos e fórmulas científicas, as quais são apresentadas e não experimentadas pelos educandos. Um ensino que tem como objetivo levar os alunos a absorverem e reproduzirem ao longo de suas vidas, um depósito segundo Freire, “o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 1970, p. 33).

Na visão crítica de educação bancária de Paulo Freire (1970), o educador tem a função de transmitir e depositar aos educandos o que sabe, enchendo-os como recipientes que até então estão vazios, pois para esse tipo de pedagogia, os alunos chegam as escolas como sujeitos desprovidos de qualquer conhecimento, de qualquer criatividade e autonomia, passividade e obediência são características essenciais para a aprendizagem, quanto mais disciplinado e passivo maior sua capacidade para absorver bem os conteúdos. Nessa concepção, o ensinar é meramente



uma comunicação e um depósito de informações, que os educandos recebem, arquivam em suas caixas registradoras, conforme nos relata:

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores. Como sujeitos. (FREIRE, 1970, p. 34)

No contexto atual, infelizmente carregamos raízes profundas de um ensino que tem em suas práticas pedagógicas, concepções de uma educação transmissora, excludente e meramente expositiva, desvinculada de sentido e significado. As salas de aula contemporâneas revelam a existência de um ensino que pouco valoriza os conhecimentos prévios de seus alunos, e que lamentavelmente ensinam reproduzindo conteúdos de pouco significado, sem brilho, sem expectativa, sem aprofundamento teórico e experimental. Na maioria das vezes atendendo as exigências das políticas públicas no cumprimento de um currículo instrumental e imediatista para a satisfação dos ideais do mercado de trabalho.

É comum evidenciarmos em salas de aula, atividades pedagógicas completamente “bancárias”, sem nenhum significado, sem nenhum nível de investigação ou pesquisa, não contendo nenhum estímulo, nem tão pouco a busca de um desenvolvimento do pensamento reflexivo, apenas uma reprodução mecânica, tendo apenas como objetivo a resolução de exercícios. Em observação aos planos de aula e atividades escritas, e mesmo na prática, a descontextualização do que é ensinado com a realidade do aluno é evidente.

Percebe-se um ensino desconectado com o mundo do educando, conteúdos tecnicamente transmitidos de turma a turma, ano a ano, objetivando o cumprimento de um intenso currículo de ensino, programado pelos sistemas educacionais. Esse é sem dúvida alguma, um outro ponto que merece uma atenção especial por parte dos órgãos educacionais, nunca se exigiu tanto da escola em atender as exigências da sociedade como atualmente. O currículo escolar é recheado de intensos temas ditos transversais para serem inseridos em discussão nas salas de aula, não que não seja importante, mas a gestão de tempo do professor fica totalmente comprometida, ele acaba por ensinar de tudo um pouco, sem qualidade e o processo aprendizagem fica insuficiente. “Não é possível fazer tudo e a tudo dedicar a mesma atenção. Concentrando-se nas dimensões sociais, esta escola acaba por conceder uma menor atenção às aprendizagens” (NÓVOA, 2009). Contudo, a escola ainda tem que apresentar no final de períodos, resultados satisfatórios aos órgãos superiores dos sistemas de ensino, por meio das avaliações de larga escala. Um verdadeiro desafio às instituições e professores, que não conseguem realizar o papel primordial da educação, o de ensinar. Diante desse quadro histórico que vem prologando décadas a décadas, Nóvoa (2009) nos chama a reflexão das incumbências sociais, humanas e políticas que a escola tem assumindo, um papel de regeneração, de salvação e de reparação da sociedade, que foi evoluindo conforme o tempo e tornando matéria de estudo nas aulas dos professores.:

Começou pela instrução, mas juntando a educação, a formação, o desenvolvimento pessoal e moral, a educação para a cidadania e para os valores...

Começou pelo cérebro, mas prolongou a sua ação ao corpo, à alma, aos sentimentos, às emoções, aos comportamentos...



Começou pelas disciplinas, mas foi abrangendo a educação para a saúde e para sexualidade, para prevenção do tabagismo e da toxicodependência, para a defesa do ambiente e do patrimônio, para a prevenção rodoviária...

Começou por um “currículo mínimo”, mas foi integrando todos os conteúdos possíveis e imaginários, e todas as competências, tecnológicas e outras, pondo no “saco curricular” cada vez mais coisas e nada dele retirando... (NÓVOA, 2009, p. 50).

Paulo Freire (2020) aponta caminhos a considerar na prática do ensinar, o que é preciso levar em consideração nesse processo como um aprendizado aos professores, se a reflexão é que o ensinar está intrinsicamente ligado ao aprendizado do professor, ensinar, portanto, é aprender, quem ensina deve ter a mesma postura do aprendiz, desejo, motivação, interesse, curiosidade. Se queremos uma educação que produz saberes essenciais para vida, é necessário repensar como se ensina, quais caminhos pedagógicos contribui para formação de homens autônomos, críticos e participativos. A escola requer professores que precisam acima de tudo serem educadores que despertem os educandos para tais saberes. Um dos pontos essenciais da pedagogia freiriana, o que é muito significativo nesse processo, é pensar em um currículo que condiz com a realidade do meio em que de estudo. Para isso o professor precisa aproximar do aluno, conhecê-lo, investigá-lo, tomar conhecimento do saber desse aluno, evidenciar esse saber, trazer esse saber para o campo da pesquisa e principalmente para sala de aula. Ao contrário da educação bancária, Freire (1970) nos aponta um sinal de uma educação humana, “que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, que se realiza como prática da liberdade” (FREIRE, 1970, p.39). Uma pedagogia que o educador se coloca em uma relação dialógica e harmoniosa com o educando, o qual o aprender acontece entre ambos.

...o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 1970, p. 39)

É nesta relação de uma educação libertadora, de quem ensina e aprende, que o educador vai construindo uma prática pedagógica consistente e real, aquilo que é significativo aos educandos, para sua formação e desenvolvimento humano, crítico e político. O ensinar torna essencialmente uma ação que requer saberes essenciais por parte do educador, saberes que vão sendo desenvolvido no exercício da docência, os quais muitos deles surgem diante dos desafios escolares. É nessa dinâmica pedagógica, que novos caminhos vão sendo construídos e mentes vão sendo estimuladas a desenvolverem novos pensamentos.

Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (2020), expressa com objetividade esses saberes essenciais que o ensinar exige do educador em sua prática docente, um conjunto de saberes que leva o educador mais próximo do educando, a distância tende a diminuir quando o ensinar se torna um aprendizado para quem ensina. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2020, p.25)).

Talvez o leitor possa ver nestas palavras muito do pensamento de Paulo Freire, da pedagogia libertadora, problematizadora e progressista, sim de fato o artigo recorreu com toda



ousadia e desejo, trazer seus pensamentos, acreditando-se que diante de toda experiência vivenciada ao longo de sua vida como pesquisador, idealizador e principalmente como educador, cabe uma atenção a quem muito contribuiu e contribui para os estudos das pedagogias educacionais.

3. EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

Descobrir novos caminhos, encontrar seu real sentido e papel, tem sido os passos que a educação tem realizado ao longo dos anos, buscando se estruturar na sociedade contemporânea, a qual tem sido direcionada através das políticas públicas, a mera função de formar trabalhadores para um mercado capitalista, utilizando uma tendência pedagógica, hora progressista, hora tradicionalista, ou seja, em pleno século XXI a educação brasileira enfrenta desafios de identidade. Segundo Dewey (1976) “no presente, a oposição, no que diz respeito aos aspectos práticos da escola, tende a tomar a forma do contraste entre educação tradicional e a educação progressiva” (DEWEY, 1976, p.3). Pensamento que nos leva a acreditar que a escola tem sido ao longo dos tempos uma transmissora de fatos e informações do passado para os alunos no presente, que o professor é o responsável em fazer com que os alunos absorvam através de recursos didáticos uma gama de informações, conforme nos relata Dewey:

Livros, especialmente manuais escolares, são os principais representantes do conhecimento e sabedoria do passado e os professores são os órgãos, por meio dos quais, os alunos entram em relação com esse material. Os mestres são os agentes de comunicação do conhecimento e das habilitações e imposição das normas de conduta. (DEWEY, 1976, p. 5)

Na educação tradicional segundo Dewey (1976), o professor é visto como um órgão ao qual os alunos têm acesso ao conhecimento, algo externo, educação de fora para dentro, nesta relação fria e sem interação os professores transmitem o que sabem. O ensinar e o aprender, deixam de ser construído tanto por parte dos alunos como pelos professores. O currículo programado pelos sistemas educacionais não atende as expectativas dos alunos, são repassados de forma expositiva e mecânica, deixando a mercê dos alunos a ingestão de milhares de conteúdo, conceitos e normas de conduta. Nesse processo o professor muitas vezes se acha um ser pronto, acabado, formado, não se abre ao novo, para novas experiências e saberes, com isso a distância de quem ensina com quem aprende impede que ambos aprendam. Um ensino que anula capacidades e potenciais das crianças e dos jovens ao longo de suas vidas.

[...] o abismo entre o saber amadurecido e acabado do adulto e a experiência e capacidade do jovem é tão amplo, que a própria situação criada impede qualquer participação mais ativa dos alunos no desenvolvimento do que é ensinado. (DEWEY, 1976, p.6)

O autor nos chama atenção desse descompasso que existe no processo ensino aprendizagem, como a não valorização da capacidade de pensar do aluno, onde o mesmo não é envolvido nas práticas pedagógicas, como se todos os conteúdos, conceitos, fatos, dados e outros fossem algo acabado, estático, os quais não houvessem possibilidade de experimentar, discutir e refletir, mas simplesmente receptivos, não havendo interação entre ambos, professor, aluno e objeto de estudo.

John Dewey (1976) nos leva a refletir sobre uma educação experimental, mas não qualquer experiência, pois de experiência a educação tradicional e mesmo a atual estão repletas, não é o simples fator de propor a interação do aluno com o conteúdo de forma concreta que teremos êxito, mas é preciso entendermos a diferença de experiência educativa e deseducativa, o que realmente o



professor precisa considerar e planejar para que as experiências propostas tenha de fato uma metodologia que desenvolva o pensamento reflexivo dos alunos, organizadas de forma que levem através de situações problemas o despertar, a curiosidade e o prazer em querer resolver. Mas como o professor pode diferenciar experiências educativas e deseducativas em sala de aula? Segundo Dewey:

É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou distorcer o crescimento para novas experiências posteriores. Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas. Outra poderá aumentar a destreza em alguma atividade automática, mas de tal modo que habitue a pessoa a certos tipos de rotina, fechando-lhe o caminho para experiências novas. (DEWEY, 1976, p. 14)

Portanto, segundo o autor toda experiência que oprime o pensamento, que impede o desenvolvimento de ideias, do questionamento, da reflexão e principalmente da capacidade da criação de novas experiências, não podem ser consideradas educativas, pelo contrário, contribui para o empobrecimento humano, intelectual e social dos alunos. Quantos alunos no processo da aprendizagem foram marcados por experiências deseducativas que os impediram de desenvolverem suas potencialidades. Quantos desenvolveram atitudes e comportamentos de rebeldia, baixa autoestima, perda pelo gosto aos estudos e falta de expectativa de vida. Quantos diante de decisões se sentem limitados, incapacitados de fazerem suas próprias escolhas. Segundo Dewey (1976) “o problema não é a falta de experiências, mas o caráter dessas experiências, habitualmente más e defeituosas, defeituosas sob o ponto de vista de sua conexão com futuras experiências” (DEWEY, 1976, p.16).

Se pensarmos em um contexto mais amplo sobre experiências, analisaremos nossa existência, trazemos ao longo de nossas vidas um conjunto de experiências que nos marcaram de forma significativa e insignificativa. Aprendemos desde do nascimento, infância até a velhice, a experimentar e vivenciar as coisas do mundo.

[...] vivemos do nascimento até a morte em um mundo de pessoas e coisas que, em larga medida, é o que é devido ao que se fez e ao que nos foi transmitido de atividades humanas anteriores. Quando se ignora esse fato, trata-se a experiência como algo que ocorre exclusivamente dentro do corpo e da mente das pessoas. (DEWEY, 1976, p.31)

Nesta percepção, experiências agradáveis e desagradáveis vão tecendo nossa história de vida, compondo todo nosso jeito de ser, de agir, de pensar e viver. Não chegamos vazios nas escolas, como as tendências pedagógicas tradicionais e atuais infelizmente pensam, levamos conosco todas experiências que até então recebemos, algumas positivas, mas infelizmente outras negativas, desse modo cabe ao professor, como sujeito mais experiente a responsabilidade de aproveitar os conhecimentos até então adquiridos pelos alunos, valorizando e inserindo no planejamento escolar. Quanto mais o professor conhecer a história de vida de seus alunos, mais rico será o ensinar e o aprender, novas possibilidades surgirão como contribuição para descoberta de novas experiências, tornando-os capazes e autônomos de intervir no processo educacional. Possibilidades que há décadas não era visível aos olhos da educação tradicional, passava despercebido, assim como nos relata Dewey:

O ambiente escolar de carteiras, quadro-negro e um pequeno pátio devia bastar. Não exigia que o professor se familiarizasse intimamente com as condições físicas, históricas, econômicas, ocupacionais etc. da comunidade local, para poder utilizá-las como recursos educativos. (DEWEY, 1976, p. 32)



Na visão de uma educação mais moderna, contemporânea, os conhecimentos históricos de cada aluno, são considerados essenciais para a prática de ensino dos professores, por meio deles é possível que os mestres criem situações de aprendizagem que envolva os saberes individuais de cada um nas experiências propostas, e uma dessas situações é a interação que se faz em sala com o grupo, no contado com o outro e com o estudo, os questionamentos e indagações surgem automaticamente e espontaneamente. Quando o professor propõe uma situação problema, deixando que os alunos através do diálogo, da pesquisa e investigação descubram possibilidades de respostas, é inevitável que a reflexão e construção de ideias aconteça. Mesmo que haja alguns que no momento não participem, se revelem contra, mais cedo ou mais tarde acabarão cedendo, alunos gostam de serem desafiados e se sentem motivados a descobrirem, mas é importante que o professor esteja atento na organização e planejamento desses momentos, pois muitas vezes atingem um determinado número de alunos, enquanto outros ficam a margem, pois não se veem no processo, é fundamental que os objetivos estejam coerentes com as necessidades e capacidades dos que estão aprendendo.

Nesta dinâmica do ensinar e aprender a relação de professor e aluno precisa ser democrática, sólida, estruturada no diálogo e na liberdade, sem perder a responsabilidade que cabe a cada sujeito. Segundo Dewey (1976) “o erro mais comum que se faz em relação à liberdade é o de identificá-la com liberdade de movimento, ou com o lado físico e exterior da atividade” (DEWEY, 1976, p.59). O autor reafirma que essa liberdade física e externa está intrinsecamente unida a liberdade de pensar, desejar e decidir, ou seja, o próprio desenvolvimento intelectual e moral dos alunos. É diante desse processo que o professor tem condições e liberdade de conhecer melhor seus alunos, propondo as condições necessárias para o verdadeiro processo de aprendizagem. É impossível pensar na evolução de uma turma, quando na sala de aula não se tem a liberdade de expressão e pensamento. O aluno se manifesta através da liberdade, da interação, da relação de confiança que constrói com o outro, por meio das expressões que as experiências vão sendo realizadas ao longo do processo. É pertinente que o professor vá construindo um mapa diagnóstico das respostas obtidas pelo alunado, propiciando uma prática de ensino que mais aproxime o ensinar com o aprender.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aqui apresentada, procurou fazer uma reflexão sobre a docência como fundamento primordial para o processo significativo da aprendizagem, ou seja, como os professores têm conduzindo suas práticas de ensino em sala de aula. Diante dos pensamentos dos autores estudados, percebe-se o quanto o papel do professor precisa ser discutido nas instituições de ensino, o quanto muitas salas de aulas retratam ainda uma educação tradicional, o quanto nossos professores persistem em metodologias que não contribuem para o desenvolvimento cognitivo de nossos alunos. As contribuições de Paulo Freire (1970) como aporte teórico para esse trabalho, foram fundamentais para refletirmos sobre a docência do professor. Tivemos a oportunidade de reler e discutir sobre a educação bancária, a qual ainda evidenciamos muito em nossas instituições de ensino. O pensamento freiriano nos proporcionam grandes contribuições para a formação continuada dos professores, um olhar atento à docência pedagógica. Não foi possível trazer a luz da



reflexão todos os saberes descritos em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, porém, as que foram mencionadas acredita-se serem suficientes para despertar o desejo de querer desenvolvê-las no dia a dia em sala de aula, produzindo nos professores e professoras a consciência que ensinar é muito mais do que transmitir conhecimentos, é, sim, a construção dos conhecimentos a partir do envolvimento com o processo de ensino. Freire (2020) nos faz viajar e sonhar em construir uma educação inovadora, que professores e alunos possam aprender juntos, de forma democrática e libertadora, onde há estímulo à construção do próprio pensamento, que professor se coloque na condição de aprendiz do seu próprio ensinar, que desenvolva de forma autônoma e participativa boas práticas de ensino.

Segundo John Dewey (1976) foi possível idealizarmos uma escola experimental, professores reflexivos que desenvolvam propostas pedagógicas articuladas com as experiências vivenciadas pelo aluno. Foi relevante o estudo em uma de suas obras, “*Experiência e Educação*”, que muito contribui para análise crítica dos moldes pedagógicos da educação tradicional e progressiva, o qual destacamos com mais atenção ao papel do educador como organizador do processo ensino aprendizagem no campo da experiência em sala de aula. Fomos chamados a compreender experiências educativas e deseducativas, a pensar que muitas vezes a escola desenvolve milhares de experiências escolares, de caráter científico e cultural, mas pouco se aproveita como recursos para o avanço qualitativo do educando, pois as experiências propostas pelos professores acabam por não atender os objetivos condizentes com a realidade dos mesmos. Nesta questão percebe-se o distanciamento entre quem ensina e quem aprende, e nesse quesito, Dewey (1976) nos chama atenção da postura do educador em seu saber amadurecido diante da capacidade para aprender das crianças e jovens, acaba por dificultar a participação de ambos no processo ensino aprendizagem, pois se os alunos não participam e não conseguem reconhecer suas habilidades, qual sentido tem uma aula em seu contexto geral e que objetivos são possíveis de atingir.

No percurso da discussão e das leituras propostas neste artigo com os dois autores referentes, foi importante observar que o pensamento de ambos se encontra em muitos aspectos, os quais são essenciais para se pensar em uma nova educação e quais os desafios a romper ao longo dessa construção. A educação tradicional como nos relata Dewey (1976) e Freire (1970), conhecemos bem e pouco foram os desafios a superarem, o autoritarismo era a voz forte a comandar, alunos completamente passivos e imóveis, absorvendo todo o conhecimento exposto pelos professores, porém, os novos tempos chegaram exigindo uma discussão mais ampla e consistente a respeito do processo ensino aprendizagem. Assim como Dewey e Freire, vários autores se debruçaram em pesquisas, muitas delas em campo, contribuindo para que as novas gerações possam refletir e compreender o processo do desenvolvimento cognitivo do homem, através do seu ambiente, relações sociais e culturais o qual está inserido.

Portanto, diante das leituras realizadas e as discussões em sala virtual com professores e colegas do Curso de Mestrado durante todo o semestre, foi possível a escrita deste artigo, e o tema a qual foi abordado surge do desejo e esperança em ter um ensino que de fato responda as reais necessidades de aprendizagem de milhares e milhares de crianças e jovens em todo país.

A esperança é que professoras e professores se permitam aprender no próprio ato de ensinar, não se julguem seres acabados, formados e insensíveis, mas construam suas docências



nas experiências com alunos e alunas. Que as salas de aulas sejam espaços, os quais os alunos possam dialogar, questionar, investigar e desenvolver pensamentos e ideias.

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. Experiência e Educação, tradução Anísio Teixeira, Companhia Editora Nacional, vol. 131 – 1976.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra, 23ª Edição, São Paulo, 1970.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa, Paz e Terra, 63ª Edição – Rio de Janeiro/São Paulo, 2020.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não -cartas a quem ousa ensinar, Editora Olho d'água, São Paulo -1997.

NÓVOA, Antônio, Professores Imagens do Futuro Presente, EDUCA - Instituto de Educação Universidade de Lisboa Alameda da Universidade - Lisboa-Portugal, 2009.

Informações sobre as autoras:

M.A.C.S. Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns (1999), especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2001), especialização em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora - Minas Gerais (2013) e especialização em Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira (2004). Atualmente é aluna mestrando da Faculdade de Inhumas. Atua como Coordenadora Pedagógica no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás- CABO PM Edmilson de Sousa Lemes -Palmeiras de Goiás. E-mail: maria@aluno.facmais.edu.br

M.L.G.V. Graduação em Letras – Português/Inglês pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Porangatu (1998), especialização em Orientação Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (2000), Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007), Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2015). Avaliadora Institucional do Basis do INEP. Servidora pública da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (2001), Docente Permanente do PPGE Strictu Senso – Mestrado em Educação da Faculdade de Inhumas – FacMais. E-mail: maria@facmais.edu.br